Anno 1.º — Quinta-feira, 25 de Maio de 1911 — Numero 16

A LIBERDADE

Jornal Republicano

Director — ALBERTO SOUTO

Secretario — RUY DA CUNHA E COSTA

Composição e Impressão — TYP. SILVA (a vapor) — Aveiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA «A LIBERDADE»

Editor e administrador — MAXIMO JUNIOR

Redacção e Administração — Rua José Estevam — Aveiro

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

Aos eleitores do circulo de Aveiro

Cinco republicanos se apresentam como candidatos nas eleições para deputados á Assembleia Nacional Constituinte.
A todo o cidadão eleitor cumpre votar, escolher os seus representantes ao primeiro parlamento da Republica.
Não ha opposição monarchica. De cinco candidatos republicanos, quatro serão os eleitos. Escolhei, votae livremente pela Patria e pela Republica!

PROPAGANDA ELEITORAL

Os candidatos por este circulo snrs. dr. Cunha e Costa e Alberto Souto apresentam-se ao povo e expõem-lhe o seu programma

Dissémos no ultimo numero da *Liberdade* que um dos compromissos que os candidatos por este circulo deviam tomar para com as commissões republicanas, era o de percorrerem os diversos concelhos em missão de propaganda eleitoral, para que se não dissesse que feita a Republica esqueciamos aquillo que tanto preconisámos no tempo da monarchia e que tanta força nos deu—irmos ao seio do povo expôr as nossas ideias e as nossas rasões.

O eleitor precisa de ouvir e de conhecer os seus representantes no parlamento, para que mais tarde lhe possa exigir strictas contas, se elles não souberem honrar o seu mandato. Os deputados da Republica devem ser alguma coisa mais do que eram os antigos deputados da monarchia.

Na epoca que atravessamos de gravissimas responsabilidades para todos, é preciso que cada um de nós se compenetre do alcance do acto eleitoral que se vae realisar e exija de todos os deputados o cumprimento fiel da sua palavra. Se as constituintes são a genuina expressão da vontade popular; se o eleitor deve ser ao contrario do que succedia antigamente um individuo consciente que usando de um dos seus mais sagrados deveres civicos lança na urna um pequeno pedaço de papel que representa realmente o seu sentir, é licito que pelo conhecimento de todos os candidatos e dos seus programmas a elle se deixe a faculdade de optar. E assim, isto só se conseguirá, quando todos se convencerem que é preciso trabalhar para vencer, e que não póde haver orgulho na victoria desde que ella não tenha sido obtida á custa de um trabalho honrado e persistente. E'-nos contudo grato constatar que foi o circulo de Aveiro aquelle em que primeiro se encetou a propaganda eleitoral.

Em todos os jornaes nós liamos longos arrasoados de considerações tendentes a demonstrar que era preciso que os candidatos se mexessem e dissessem ao povo o que deveria ser o espirito das proximas constituintes, chamando para ellas a sua attenção e fazendo-o interessar no acto eleitoral e consequentemente na politica geral do paiz.

Levantámos tambem uma campanha n'esse sentido e alguma coisa conseguimos. Dois dos candidatos, os snrs. dr. Cunha e Costa e Alberto Souto, encetaram já a sua propaganda começando por Aveiro e continuando-a nos outros concelhos.

A primeira conferencia teve logar na passada quinta-feira no

Theatro Aveirense

que ás 8 e meia da noite se encontra já completamente cheio. Os camarotes são occupados por senhoras, que com as suas *toilettes* multicôres dão á sala um lindissimo aspecto.

Poucos minutos depois de chegarem os conferentes o snr. José Prat convida o snr. dr. Mello Freitas a presidir áquella sessão de propaganda republicana.

O nosso distincto correligionario nomeia para secretarios os snrs. dr. Eugenio Ribeiro e José Casimiro da Silva, e n'um discurso cuidado e bem urdido agradece os applausos com que o receberam e apresenta os conferentes, aos quaes diz não querer roubar tempo para, como candidatos por este circulo, apresentarem ao povo, que os vae escutar com religiosa attenção, os seus programmas nas proximas Constituintes.

A assembleia acolhe as suas ultimas palavras com uma prolongada salva de palmas. Em seguida usa da palavra o nosso collega

Alberto Souto

Não vae alli expôr um progeamma completo. Os seus muitos affazeres não lhe permittiam ainda o apresentar-se aos seus eleitores, por não ter tido tempo para realisar uma obra valiosa.

Se alli faltasse, talvez que a sua ausencia fosse tomada como um acto de cobardia da sua parte, e porque costuma sempre tomar a inteira responsabilidade dos seus actos e das suas palavras, alli estava ao lado do dr. Cunha e Costa para dar á assembleia um pallido esboço do seu ainda embryonario programma.

Refere-se ás proximas Constituintes e aos varios problemas da vida nacional, que analysa com perfeito conhecimento de causa, enumerando aquelles que n'este momento mais o preoccupam e por consequencia aquelles que nas Constituintes lhe devem merecer especial cuidado. A defeza nacional e a instrucção publica terão de ser completamente remodeladas no nosso paiz; trabalhará tanto quanto as suas forças lh'o permittirem para que esses dois grandes problemas tenham uma rapida solução, e se alguma coisa conseguir n'esse sentido terá cumprido honrosamente o seu mandato.

Ao terminar o seu discurso a assembleia dispensa-lhe uma carinhosa manifestação de sympathia, que redobra de enthusiasmo ao apparecer no palco o illustre democrata, snr.

Dr. Cunha e Costa

Começa por agradecer ao seu velho amigo, dr. Mello Freitas, a gentileza das palavras que lhe dirigiu, e ao nosso collega Alberto Souto a lealdade com que o tem distinguido. Lê depois o manifesto que publicamos n'outro logar e que a assembleia corôa com uma prolongada salva de palmas. Explica a sua situação no partido republicano, dizendo ser um instrumento de ordem e de paz e não um intolerante ou um sectario. O seu papel nas Constituintes será o de obstar tanto quanto possivel a que dois homens que se odeiam, simplesmente porque nunca estiveram em contacto, cresçam um para o outro com a violencia de duas electricidades contrarias, e se esmaguem ou se anniquillem

Este discurso sensato, prudente, moderado, embora por vezes docemente aggressivo para aquelles que miseravelmente lhe pretendem roubar o logar que lhe compete nas proximas Constituintes, calou bem no intimo da assembleia, e a não ser um ou outro que, completamente destituido de intelligencia e de conhecimentos, pretendeu ver n'aquella sensata oração um ataque á obra do snr. ministro da justiça, ligado ha muitos annos ao dr. Cunha e Costa pelos laços da mais estreita amizade e communhão de ideias, todos foram unanimes em concordar que era preciso que aquillo fosse dito pela bocca de s. ex.ª, que não póde ser tomado como suspeito, visto que nenhum logar da Republica lhe poderá dar aquillo que elle tira como advogado, para esfriar muito cerebro esquentado que não comprehende que o periodo que atravessamos tem de ser de ponderação e de calma.

E assim ao terminar a definição de Patria, a que o illustre orador deu todo o calor da sua eloquencia, a assembleia, vibrando com enthusiasmo, mesmo com delirio, prodigalisou ao dr. Cunha e Costa uma extraordinaria manifestação de sympathia.

O snr. dr. Mello Freitas encerrou a sessão, agradecendo a todos os presentes a attenção com que escutaram os oradores.

O nosso collega o *Democrata*, referindo-se em *A' ultima hora* a essa sessão de propaganda eleitoral, diz:

> Com uma casa completamente apinhada de gente de todas as classes, fizeram hontem, de noite, no Theatro Aveirense, a sua apresentação perante o eleitorado do circulo d'Aveiro por onde se propõem candidatos á proxima assembleia Constituinte, os snrs. Alberto Souto e Cunha e Costa.
>
> O adeantado da hora a que terminou a sessão, não nos permitte sequer dar uma palida ideia do que disseram os dois oradores, a quem a assembleia, por vezes, applaudiu com enthusiasmo e frenesi por, com elles, estar em perfeita concordancia.
>
> Cunha e Costa é, como se sabe, um verdadeiro artista da palavra, que se houve com agrado, sem cansaço e faz, quando quer, vibrar com elle o sentimento dos que o escutam e lhe seguem, a par e passo, o pensamento, na ancia sofrega de quem se interessa pelos problemas agitados d'uma patria que resurge e que Cunha e Costa tão bem soube definir e aproveitar para concluir logicamente de que atravez de tudo e contra tudo a devemos defender, elevando-a perante o mundo e no coração de todos os portuguezes.
>
> Fez a apresentação dos dois conferentes, que, no fim, foram muito cumprimentados, o snr. dr. Mello Freitas.

Todos os outros nossos collegas, e especialmente o *Campeão das Provincias*, se referem em termos elogiosos aos discursos dos nossos amigos, sendo-nos comtudo absolutamente impossivel, por falta de espaço, fazermos qualquer outra transcripção.

Em Ilhavo

Os snrs. dr. Cunha e Costa e Alberto Souto iniciaram por Ilhavo a sua visita aos concelhos do circulo de Aveiro. Eram 8 horas da noite de sabbado quando os dois illustres candidatos que seguiam n'um carro com os nossos collegas Ruy da Cunha e Costa e Arnaldo Ribeiro deram entrada n'aquella villa. Já ali se encontrava um grande numero de correligionarios nossos, que d'Aveiro tinham ido expressamente ouvir a palavra fluente e arrebatadora dos oradores inscriptos. No *Alto Bandeira* esperavam os candidatos os snrs. dr. Samuel Maia, dr. Machado, Eduardo Craveiro, dr. Carvalho e muitos outros cavalheiros cujos nomes nos não occorrem.

D'ali seguiram todos para o Centro Republicano, onde depois d'um momento de palestra e de feitas algumas apresentações, se deu começo á annunciada sessão de propaganda eleitoral. O snr. dr. Samuel Maia n'um breve mas eloquente discurso, diz não poder nem dever como auctoridade administrativa d'aquelle concelho apresentar os candidatos a deputados ás proximas Constituintes exaltando as vantagens d'uns sobre os outros.

Limita-se por isso a affirmar que ambos elles merecem a consideração de todos os presentes pela sua intelligencia, pelo seu caracter e pela sua dedicação á Republica. A assembleia acolhe as suas ultimas palavras com uma prolongada salva de palmas. Em seguida o dr. Samuel Maia convida a presidir áquella reunião o antigo republicano snr. Eduardo Craveiro, que por sua vez escolhe para secretarios os snrs. drs. Machado e Carvalho. Usa depois da palavra o nosso collega

Alberto Souto

Sauda o povo de Ilhavo, onde conta ainda tão dedicados amigos, combatentes destemidos do tempo de opposição a quem a Republica muito deve porque por ella luctaram e soffreram. Diz qual será o seu papel nas Constituintes, discorrendo largamente sobre alguns dos problemas que n'este momento mais agitam a vida nacional.

Termina por affirmar que se por acaso fôr eleito, fará os possiveis por honrar o mandato que o povo lhe conferiu. Este discurso que a cada passo era interrompido pelos appoiados dos assistentes recebeu no seu final uma grande ovação. Falla em seguida o snr.

Dr. Cunha e Costa

Ha bastantes annos que não vae a Ilhavo. Ligam-no comtudo á vida laboriosa da sua população as mais gratas recordações.

E' do mar que vive o povo d'aquella villa e é no mar, que elle ama enternecidamente, que muitas vezes encontra a imagem da sua vida. Como candidato ás proximas constituintes pelo circulo de Aveiro, precisa de defenir perante o eleitorado de Ilhavo a sua situação na Republica. Conforme já teve occasião de affirmar não é um sectario ou um intolerante. A sua politica de ha 20 annos a esta parte tem sido de paz, de harmonia e de concordia. Nas Constituintes elle procurará evitar quanto possivel, luctas desagradaveis entre quaesquer grupos ou facções que porventura venham a formar-se na politica portugueza.

Refere-se depois á futura Constituição affirmando que nem a França, nem a Suissa nos pódem servir de modelo.

Disserta ainda largamente sobre alguns pontos do seu programma e termina por agradecer a todos os presentes a religiosa attenção com que escutaram as suas palavras.

A assembleia dispensa-lhe uma calorosa ovação.

Em seguida foi offerecido aos oradores um delicioso copo d'agua, durante o qual se trocaram os mais affectuosos brindes.

Todos os nossos correligionarios se mostraram immensamente gratos para com os snrs. dr. Samuel Maia, Eduardo Craveiro etc., pela fórma amavel porque os receberam.

Em Oliveira do Bairro

Foi simplesmente imponente a recepção feita em Oliveira do Bairro aos snrs. dr. Cunha e Costa e Alberto Souto. Os nossos amigos chegaram alli em automovel pouco depois da hora annunciada para o comicio.

Esperava-os o dr. Almeida Ribeiro, administrador do concelho, e uma grande multidão, que soltava freneticos vivas, emquanto uma banda de musica fazia vibrar os accordes da *Portugueza*.

Feitos os cumprimentos, toda aquella immensa molle de gente se dirige para a camara, onde o dr. Almeida Ribeiro, n'um bello discurso, presta homenagem á memoria de Miguel Bombarda e Candido dos Reis, cujos retratos se inauguram n'aquella occasião. O dr. Cunha e Costa lembra, n'um eloquente improviso, os serviços prestados á Republica pelos homenageados, e felicita a Commissão Municipal Administrativa de Oliveira do Bairro por ter tomado a iniciativa d'aquella festa. Estes discursos são muito applaudidos pelos assistentes. Em seguida todos se dirigem para o largo fronteiro, onde se deve realisar a annunciada sessão de propaganda eleitoral.

Chegados que foram á tribuna, o snr. Abilio Rocha propõe para a presidencia o dr. Almeida Ribeiro, que por sua vez escolhe para secretarios os snrs. dr. Antonio Costa e Jacintho Simões dos Louros.

Usam então da palavra os snrs. Ruy da Cunha e Costa, Alberto Souto e dr. Cunha e Costa. A absoluta falta de espaço obriga-nos a ser quanto possivel resumidos, motivo porque, bem contra nossa vontade, não damos nem uma ligeira nota do discurso proferido por cada um dos oradores. Simplesmente diremos que todos elles nos deram a impressão de serem muito bem recebidos pelo povo, que durante duas horas os escutou no meio do maior silencio, apenas entrecortado de onde a onde pelos mais enthusiasticos applausos.

Findo o comicio foi offerecido aos oradores um explendido copo d'agua, servido pelas senhoras de Oliveira do Bairro, que de uma illimitada gentileza não hesitaram em contribuir com a sua presença para o brilhantismo d'aquella festa. Brindaram os snrs. dr. Cunha e Costa ás senhoras alli presentes e ao povo de Oliveira do Bairro; dr. Almeida Ribeiro aos novos mas dedicados republicanos, snrs. dr. Antonio Costa e Abilio Rocha; Alberto Souto aos velhos republicanos nas pessoas dos nossos correligionarios, dr. Almeida Ribeiro, Santos Ferreira e Jacintho Simões dos Louros; e dr. Antonio Cos-

ta ao seu antigo professor e amigo, dr. Cunha e Costa.

Depois de uma affectuosa despedida, ao som da *Portugueza* e do estralejar ininterrupto dos foguetes, retiraram os nossos amigos para Aveiro, trazendo d'aquella festa inolvidavel as mais gratas recordações. *A Liberdade*, interpretando o sentir dos dois candidatos que o povo de Oliveira do Bairro recebeu tão galhardamente, cumprimenta-o na pessoa do dr. Almeida Ribeiro, pedindo-lhe que acceite os seus mais cordeaes agradecimentos.

Notas soltas

VELHO RIFÃO

O *Intransigente* censurava ha dias asperamente o Governo, por fazer pouco caso das commissões republicanas, que n'outros tempos tantos elogios mereciam aos caudilhos da Republica, e tão bons serviços teem prestado.

Pasmados, lemos e relemos quasi sem acreditar,

E lembrar-se agente que ainda ha pouco o mesmo jornal tosava fortemente as commissões d'Aveiro!

Emfim, como estamos d'acordo, risque lá duas á preta, seu Weiss.

Assim mesmo é que devia ter pensado sempre. Acredite que se tem seguido esse criterio quando mercê d'uma *varinha magica*, foi governador civil d'este districto, ainda a estas horas o tinhamos por cá.

Sobre a falta de confiança que hoje merecem as commissões ao Ministerio, não é de estranhar, porque ha um rifão antiquissimo que reza e reza bem: *não sirvas a quem serviu, nem peças a quem pediu.*

MANICOMIOS

Um decreto recentemente publicado pela pasta do Interior, mandou transformar a Penitenciaria de Coimbra em Hospital de doidos.

E' tudo quanto ha de mais sympathico e mais necessario.

O illustre Ministro attendeu principalmente á necessidade do momento, e tanto assim, que a policia de Coimbra acaba de internar ali, cerca de quarenta malucos, a quem a mania *conspirateira* tirou a razão.

Veio pois a tempo o tal decreto, mas parece-nos que o snr. Dr. Antonio José d'Almeida, se verá na dura necessidade de crear mais manicomios porque a concorrencia parece ser grande.

Lembramos-lhe a torre de S. Julião, o forte de S. Miguel em Loanda e as prisões de Timor, cuja adaptação sahirá barata, e onde mais facilmente se tratarão os furiosos conspiradores.

A doença é contagiosa, e tende a propagar-se, e portanto é preciso um remedio radical. As aguas mornas empregadas até hoje têm dado pessimos resultados.

CONDE D'ARNOSO

Morreu ha dias o ex.mo secretario particular de D. Carlos e sem duvida o seu maior amigo.

Após o regicidio, o fallecido conde, por varias vezes na camara dos pares pediu aos governos de curta duração do ultimo reinado, que no Terreiro do Paço fosse collocada uma lapide commemorativa d'aquella tarde sangrenta de 1 de Fevereiro.

Ninguem como elle sentia a profunda convicção monarchica e por isso ninguem teve a coragem de o secundar n'aquella campanha.

Acabou por desistir, quando se convenceu de que em Portugal não havia monarchicos, mas mistificadores.

Após a implantação da Republica, quando um grande numero de imbecis acompanhava D. Manuel e fixava residencia no extrangeiro, elle preferiu ficar no seu paiz, para se não confundir com essa malta de burlões.

Morreu pois o ultimo monarchico sincero.

Descance em paz.

Eleições em Lisboa

Bemdita seja a Providencia Eleitoral, tão bellamente encarnada na pessoa do snr. Antonio José d'Almeida!

Aqui ha tempos, declarando alguns jornaes que certos candidatos não eram eleitores e portanto inelegiveis, logo sua Ex.ª se apressou a pôr cá fora um decreto-portaria.

Agora como não fossem admittidas outras candidaturas por Lisboa além das sanccionadas pelo Directorio por falta de documentos, logo se apressa tambem sua Ex.ª a fazer mais um decreto.

Ainda bem para termos o prazer de apreciar o tal processo de Hondt, pelo snr. João de Menezes tão apregoado n'outros tempos.

Oxalá que os effeitos sejam bons, mas palpita-nos que sahirá d'ali uma grande trapalhada.

A ver vamos

Poupe-se dinheiro

O Snr. José Relvas augmentou sensivelmente os ordenados aos empregados do seu ministerio.

Dizem até que os augmentou exageradamente.

O peor é que os empregados dos outros ministerios vão pedir e com razão, para ser equiparados aos seus collegas das Finanças.

Onde vae isto parar, não sabemos, mas o que é certo, é que o funccionalismo dentro em pouco absorve quasi todas as receitas do Estado.

O snr. Ministro tem dito que o seu criterio é pagar bem para bem ser servido.

Optima idêa, não ha duvida, mas quasi iamos affiançar que o serviço não soffrerá grande alteração.

Por cá, desde já prevenimos sua Ex.ª ainda que os ordenados sejam augmentados, certos *protegidos* continuarão a ir jantar a casa nas horas de serviço e a entrar nas repartições tarde e a más horas. Era bom pois poupar esse dinheiro.

AU REVOIR

Em direcção a Paris, de onde seguirão para a Belgica, Inglaterra e Allemanha, em viagem de recreio, partiram na ultima segunda-feira os nossos bons amigos José da Fonseca Prat, Antonio A. da Silva, Manoel Marques da Cunha e Firmino Huet.

Boa viagem.

Manoel Pereira da Silva

Para Manaus, partiu na ultima quinta-feira este nosso querido amigo e grande capitalista de Angeja.

A' sua despedida na estação d'esta cidade compareceram muitos dos seus amigos e conterraneos.

Manoel Pereira, que é um dedicado republicano, apaixonado pela sua terra e incansavel propugnador dos seus melhoramentos e um cooperador devotado de todas as emprezas generosas, tenciona voltar em breve a Portugal, onde tantas sympathias conta e onde deixa tantas saudades.

Alguns dias antes de partir, foi-lhe offerecido pelo snr. governador civil um jantar, onde se juntaram alguns companheiros das nossas peregrinações republicanas.

Desejando ao nosso querido e particular amigo uma feliz viagem, desejamos-lhe tambem um prompto regresso.

CONVENTOS DE AVEIRO

Parece que a centralisação e o burocratismo estupido quer continuar na Republica.

Só por isso se póde explicar a demora na entrega dos edificios dos extinctos conventos de Jesus e Carmelitas á camara municipal de Aveiro e o abandono a que estão sendo votadas as suas obras de arte que reclamam conservação.

Não sabemos tambem o que a camara de Aveiro tem feito por haver esses edificios, mas quer-nos parecer que não se descuidará do assumpto.

São esses os nossos mais ardentes votos.

Aos eleitores do circulo de Aveiro

Ao apresentar a minha candidatura ás proximas Constituintes pelo circulo n.º 15 julgo dever definir perante o eleitorado a minha situação politica por fórma a prevenir entre nós quaesquer equivocos. Não quero que, pelo menos em relação a mim, o proximo dia 28 seja *a jornada dos enganos*. Sou o que sou e a minha divisa, bem conhecida, é *Mau, mas meu!* Vou á batalha eleitoral sem chancella, carimbo ou favor official de qualquer especie. Tambem lá vou limpo de quaesquer relações com o orçamento da Republica.

Republicano desde os bancos das escolas e, aos 23 annos, director politico da *Voz Publica*, candidato a deputado por Paços de Ferreira, logar-tenente de José Falcão nas famosas eleições portuenses de 1892, que trouxeram á Camara Rodrigues de Freitas, secretario do Directorio do Norte, réo de vinte processos de imprensa e, actualmente vereador da Camara Municipal de Lisboa depois de, durante a dictadura franquista, por simples amor aos principios, ter renunciado á mais invejavel situação que jámais foi disfrutada por um jornalista portuguez, posso dolorosamente affirmar que áparte aquella demonstração de apreço do povo da capital, muitos aggravos tenho recebido dos meus. No entanto, ha vinte annos, excluidos apenas oito de cruel e inclemente lucta pela vida, que outra cousa não faço senão servir de degrau ás ambições alheias e alguns dos que me hostilisam mendigaram, mais de uma vez, miseravelmente, o empurrão da minha prosa e o salvo-conducto da minha palavra!

Essa attitude de absoluto sacrificio da minha modesta personalidade ás vaidades e interesses de certas mediocridades, condemnadas a desapparecer no dia em que a livre concorrencia dos talentos e aptidões succeder ao actual monopolio, vae cessar. Não é tão rico em individualidades de destaque o partido republicano que me obriguem a apagar-me deante d'ellas. Ha vinte annos que o faço. Hoje, não estou resolvido a isso. Emquanto a lucta se passou em conclave secreto, atraz das esquinas e na sombra das encruzilhadas, os meus inimigos tinham sobre mim a superioridade das armas, do logar e do numero. Porém, na lucta aberta, cara a cara, frente a frente, podendo ser visto e ouvido pela nação, o caso é diverso e quem me vencer ha-de, pelo menos, suar dois litros de chloreto de sodio!

Posto isto, definirei, em breves palavras, a minha orientação e a minha funcção no momento actual da politica portugueza.

Não sou radical nem conservador; sou, dentro dos principios fundamentaes da democracia e da Republica, o opportunista que convem a um paiz de educação politica precaria e, em algumas regiões, rudimentar ou nulla. O que quer dizer que appoiarei e votarei todas as reformas que a verdadeira opinião publica reclamar e combaterei e regeitarei todas as outras.

Não sou livre pensador porque guardo ainda piedosamente, na inviolavel consciencia, a penetrante poesia de uma educação dirigida por educadoras de infinito tacto e virtude e bondade excelsas. Não sou catholico praticante porque me falta essa fé ardente que será ainda por largo tempo, e atravez de todas as vicissitudes da politica, o grande e talvez unico amparo dos simples e a sua disciplina moral.

Não sou nem posso ser um partidario, visto que, por ora, não existe ainda um partido com programma e chefe capazes de disciplinarem individualidades independentes e fortes. O que o existente, por ora, me poderia dar, é muito superior aos meus merecimentos, mas muito inferior aos meus ideaes!

Sou apenas um patriota, a quem a providencia forneceu alguns instrumentos de trabalho util, que não tenho o direito de reservar egoistamente para os meus clientes e para o meu goso proprio.

Não tenho outras ambições que não sejam as profissionaes. Amo com enternecido affecto e legitimo orgulho a minha profissão, que não trocaria pela mais alta das altas funcções do Estado. A unica maneira de me lisongearem o amor proprio é dizerem-me que defendi bem uma causa ou escrevi bem um artigo. E' da tribuna forense e da jornalistica que maiores serviços tenho prestado á liberdade e á democracia. E' a ella que devo as mais penetrantes e gratas emoções da minha vida. E uma e outra compensam largamente as minhas ambições materiaes, que em pouco se resumem: em poder comprar todos os livros que desejo e em todos os annos, durante dois mezes, poder esquecer, no convivio de civilisações que um alto ideal inspira, os desgraçados que me abocanham em vez de pensarem, estudarem e produzirem.

DR. CUNHA E COSTA

Não serei, portanto, nem por A. contra B., nem por este contra aquelle. Serei por todos e não serei por nenhum. Serei sempre pela Republica, tal qual a preguei e exaltei; votarei, de animo sereno e com a consciencia do dever cumprido as medidas uteis dos meus mais irreductiveis inimigos pessoaes; combaterei e regeitarei, com animo e consciencia identicos, as medidas inopportunas ou nocivas dos homens a quem mais admiro e prezo.

Contrariarei, quanto em minhas forças couber, todas as innovações prematuras e, portanto, perigosas. Nem a historia patria principiou em 5 de outubro nem uma nação se transforma a golpes da decretos. «Os preconceitos hereditarios de um povo e as suas crenças religiosas podem ser declaradas absurdas pela razão, mas jámais um verdadeiro homem de Estado tentará combatel-as porque demais sabe que o não poderá fazer com proveito. Só os theoricos e doutrinarios, inscientes das realidades, suppõe que a razão pura governará o mundo e transformará os homens. Na pratica das cousas, a intelligencia prepara lentamente a evolução da consciencia publica, mas a sua acção immediata é muito limitada». A vida politica é uma adaptação constante do dirigente ao ambiente e, salva restricta esphera de acção, o legislador *não cria* o costume: *consagra o*. De resto, se a originalidade fôsse o predicado essencial do homem de Estado, os estadistas seriam de preferencia recrutados entre os loucos pois ninguem os excede na profusão, variedade e originalidade das ideias!

Tão pouco me poderei conformar com a anarchia de direito e de facto que, sob pretexto de *socialisação da Republica*, se prepara. E' sestro nosso vestir a roupa alheia quando o dono já a poz de parte como imprestavel. Que a Republica procure deferir as justas reclamações do proletariado, bem está, mas que favoreça a sua organisação em tyrannia collectiva, subversiva de toda a civilisação, isso nunca! N'esse caso, antes o dispotismo de um só! Demais (porque a historia repete-se incessantemente) esses estados sociaes trazem sempre, em nome da ordem, o cesar, o dictador, o inevitavel e implacavel despota.

Ainda menos pósso aceitar a exclusão systhematica de todos os homens bons do antigo regimen da obra da Republica. A élite republicana, além de sensivelmente inferior em numero e qualidade ás necessidades do momento e de desfalcada pelos caprichos da Sagrada Congregação do Index Jacobino, estava gasta por uma lucta incessante de muitos annos, e no paiz ha uma crise enorme de valores intelectuaes e aptidões technicas. Se conseguissemos para a Republica a collaboração de todos os homens limpos do antigo regimen, esses elementos, associados aos nossos proprios, não dariam talvez, ainda assim, o sommatorio que as circumstancias reclamam.

Accresce que as syndicancias rigorosas ordenadas a todos os serviços publicos provaram precisamente o contrario do que erradamente se pretendia, e digo, *erradamente* porque sempre me pareceu doentia preoccupação a de demonstrar ao mundo civilisado que o Estado, em Portugal, era um covil de ladrões. Essas syndicancias provaram apenas, por forma insophismavel, que a nação era explorada por duas duzias de politicos, quando muito, e que a enorme maioria do funccionalismo portuguez, apezar da sua miseria, era profundamente honesta. Era tão honesta que bem pode dizer-se que para documentar as accusações de malversação feitas ao antigo regimen estamos reduzidos á *conta dos adeantamentos*, uma especie de *processo do regicidio* que periodicamente e nos dias de aperto sahe da gaveta para espantalho de nacionaes e extrangeiros, como se toda a nação não estivesse já farta e refarta de saber que a expoliavam, como a expoliavam, quem a expoliava e como se os erros do passado podessem desculpar e cobrir os erros do presente!

D'essa exclusão systhematica da collaboração dos homens bons do antigo regimen na consolidação do novo aggravada pelo *veto* do Santo officio demagogico resultou, por um lado, a perda de preciosos auxiliares e, por outro lado, a entrada na administração publica de varias authenticas mediocridades, que não lhe dão honra nem proveito. Não cito nomes porque até nas mais violentas campanhas da minha vida publica evitei sempre tirar o pão a quem quer que fôsse e antes, se de algum peccado a consciencia me accusa, esse é o de, graças ao meu desinteressado concurso, mais de um camello ter passado pelo fundo de uma agulha!

Das considerações que acabo de expôr facilmente se deprehende qual será a minha funcção nas proximas Constituintes. Será, descontada a prodigiosa diferença entre o genio e a corrente e correntia intelligencia, a de José Estevão.

Na politica juridica advogarei uma Republica Parlamentar, com uma Camara e um Senado electivos, continuadores da tradição patria dos Estados Geraes e das Côrtes anteriores á funesta doutrina da consolidação do poder real, um presidente eleito não reeligivel por um periodo egual ao do mandato, a abolição do veto, a reunião do parlamento por direito proprio e todas as garantias da effectiva soberania nacional adaptaveis ás condições actuaes da politica e da sociedade portugueza. Advogarei a absoluta independencia do poder judicial (na qual comprehendo a economica) com a faculdade de, em cada caso especial, invalidar os textos legaes offensivos da Constituição, e a criação de tribunaes especiaes para o julgamento dos menores delinquentes. Procurarei tornar insophismaveis as chamadas liberdades e garantias essenciaes e necessarias. Defenderei apaixonadamente a instrucção criminal contradictoria e protestarei, com vehemencia, em nome da sciencia e da piedade humanas, contra o nosso absoluto e feroz regimen penitenciario.

Appoiarei uma reforma administrativa largamente descentralisadora, mas em que o poder central não fique desarmado contra o regionalismo excessivo e perturbador da unidade nacional. Partidario da separação da Egreja do Estado, quero a Egreja livre no Estado livre, com a insophismavel garantia do nosso padroado no Oriente e o respeito por todos os direitos adquiridos. Outrosim instarei da tribuna porque no decreto da liquidação dos bens das congregações a presumpção de direito, alli invertida, seja a que deve ser.

Votarei, sem regatear, todos os recursos precisos ao desenvolvimento da instrucção publica, proffssional e technica em todos os seus graus. Grande parte dos erros e iniquidades praticados pelo velho e novo regimen são funcção da ignorancia geral do paiz.

Merecer-me-ha especial attenção a politica economica, considerando como problemas essenciaes a resolver promptamente a viação publica, que é uma authentica vergonha nacional, a arborisação geral do paiz e sua irrigação, a regularisação do curso dos nossos rios navegaveis e fluctuaveis e todas as providencias, aliás já lucidamente formuladas nas conclusões do primeiro Congresso Nacional e attinentes a facilitar ao commercio, á agricultura e á industria uma iniciativa efficazmente protegida e rapidamente exequivel.

Seguem em Portugal o valle do Tejo a civilisação e a fortuna e bem conhecidas são do paiz as minhas ideias ácerca da funcção futura de Lisboa na vida nacional. Entendo que a linda cidade do Tejo, só por si, poderia, quando intelligente e patrioticamente aproveitada, dar ao paiz inteiro a vacca e o riso de que fallava D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Para ella reclamarei, pois, um regimen especial que, tanto quanto possivel, a proteja da acção nefasta da politica e lhe permitta ser aquillo para que a natureza a predestinou: caes da America e estação internacional de inverno, entre todas previlegiada. Lisboa terá necessariamente de ser uma capital cosmopolita, uma cidade livre, uma *terra de muytas e desvairadas gentes* como lhe chamava Fernão Lopes, onde todas as raças se acotovellem, todas as linguas se barafundem, todos os trages se combinem e o ouro de todos os doentes, curiosos e desoccupados corra a flux. Lisboa, sob pena de irremediavel decadencia e ruina, não póde ser um campo de batalha sectaria: terá de ser um palacio, um palco, um museu, um jardim e um casino. Os americanos tem a sua Washington, os suissos tem a sua Berne; nós precisamos, não digo já mas mais tarde, de transferir para algures o fóco da intriga politica.

O pouco que entendo de questões financeiras e coloniaes não me dá margem para considerações proprias. Diria presumivelmente banalidades ou incongruencias. Sei apenas que sem recursos não ha programmas viaveis; que a *outillage* dos estados modernos é extremamente dispendiosa; que a Republica democratica, por isso mesmo que é o mais progressivo de todos os governos, é de todos o mais caro; que a mutilação ou perda do dominio ultramarino nos reduziria a uma vaga nesga desafortunada e pelintra. A respeito de taes questões bem como das relativas á defeza nacional, o unico compromisso que posso tomar é o de estudal-as o melhor que poder e souber.

Acima, porém, de todos os programmas está o *espirito* das novas instituições, cuja formação pertencerá logicamente ás primeiras Constituintes. Por essa razão e não por outra ligo excepcional importancia á proxima Assembleia Nacional e n'ella desejo collaborar, certo de que prestarei serviços que talvez não prestasse n'um parlamento ordinario.

Melindres faceis de comprehender me obrigam a ser extremamente discreto na apreciação da obra da Republica. O que, porem, pode affirmar-se, porque occultal-o seria um crime, é que a grande maioria do paiz e todas as nações extrangeiras aguardam anciosamente o termo do periodo revolucionario e a reunião da primeira Assembleia Nacional esperando que n'esta predominem o bom senso, a moderação, a tolerancia. Já houve quem annunciasse a proxima Constituinte como uma assembleia revolucionaria com larga collaboração das galerias. Esse alguem praticou, sem querer, um crime de lesa-patria. Uma Assembleia Constituinte que tal *espirito animasse* seria a anarchia e a anarchia, no mundo moderno, paga-se cara!

Não, a proxima Assembleia Nacional Constituinte precisa-se sobretudo, de inspirar a nacionaes

e extrangeiros a confiança nas novas instituições, e a confiança não se impõe, conquista-se principalmente pelo sacrificio das paixões sectarias e das sympathias ou antipathias individuaes ao bem publico. A proxima Assembleia Nacional Constituinte só poderá consolidar a Republica e dignificar-se se a consciencia das responsabilidades contrahidas perante a nação dér aos novos a ponderação e a sisudez dos velhos e a todos o grave proposito de uma patria a refazer e honrar...

Não temo o regresso ao Passado. Não ha considerações que justifiquem perante a Historia o periodo decorrido desde o ultimatum britannico até á revolução de 5 de outubro. Ninguem morria de amores por esse regimen e se ninguem por elle deu a vida não foi porque aos defensores da monarchia faltasse a coragem pessoal, como por ahi iniqua e tolamente ouço apregoar: foi porque careciam de razão e direito, que serão sempre os maiores propulsores da obra politica e social. No dia 6 de outubro a nação inteira entregou-se á Republica de alma e vida. Se, depois d'isso, graves descontentamentos tem surgido, retrahindo cooperadores valiosos e convertendo outros em adversarios declarados, queixemo-nos de nós e não de outrem. A Republica tem praticado actos sabios e justos, que sou o primeiro a applaudir, mas se os verdadeiros democratas podessem fallar, quanta desillusão, quanto desengano teriamos que lançar no passivo do novo regimen!

Só de nós, portanto, poderá vir á Republica descredito e desgraça, e de todos os erros praticados nenhum excede o havido com a preparação e composição da futura Assembleia Nacional Constituinte. Uma allucinação suicida, para mais adequada classificação lhe não darmos, teima em desvalorisar esse Congresso sobre o qual a Civilisação põe olhos curiosos e reservados e cujos debates serão assiduamente seguidos pelos representantes das potencias. Sobre este grave problema, porém, nem mais uma palavra direi. Não quero que me chamem cumplice de um descredito para que não contribui!

Se com sacrificio grave dos meus interesses e do meu socego apresento a minha candidatura a deputado á proxima Assembleia Nacional Constituinte é porque, bem ou mal, supponho cumprir um dever.

Não venho disputar essa candidatura a qualquer dos candidatos da lista official. De nenhum recebi aggravos e antes de alguns recebi as mais inequivocas provas de consideração e sympathia.

Venho, sim, disputar essa candidatura aos mandarins que pretendem **roubar-me** o logar que na representação nacional me pertence.

Venho, sim, disputar essa candidatura aos que duvidam que republicano seja... **um vereador republicano** da Camara Municipal de Lisboa!

E visto que em propaganda politica tenciono percorrer o circulo pelo qual apresento a minha candidatura, ha um meio facil d'esses senhores me confundirem: é em debate contradictorio e publico, cara a cara, frente a frente, formularem as suas duvidas... e **receberem o troco!**

Extranhar-se-ha porventura que n'esta já longa exposição me não tenha especialmente referido aos direitos e interesses locaes. Seria pura redundancia! Evidentemente, um deputado eleito pelo circulo de Aveiro tem o dever, imposto pela propria investidura, de propugnar calorosamente pelos direitos e legitimos interesses do circulo que o elegeu. Demais, foi em Aveiro que fiz a minha iniciação politica; foi ainda em Aveiro que iniciei a minha vida profissional; aqui constitui familia e até dizem que aqui estou, aos 43 annos, em vesperas de ser... **Avô!**

Aveiro, 15 de maio de 1911.

O candidato a deputado pelo circulo n.º 15,

José Soares da Cunha e Costa.

Dr. Affonso Costa

Continua melhorando o illustre Ministro da Justiça, a quem os medicos dão já livre de perigo.

Pelo seu prompto restabelecimento, fazemos ardentes votos.

Aos eleitores do circulo n.º 15 (Aveiro)

Manifesto de Alberto Souto, candidato a deputado á Assembleia Nacional Constituinte, (apresentado pelas Commissões republicanas do circulo)

CIDADÃOS:

Lembrado por um grupo de amigos, d'aquelles cuja dedicação só com uma devoção eterna se póde pagar, e escolhido pelas commissões republicanas do circulo para a lista do partido, onde, depois de peripecias varias passadas com a sancção directorial, se encontra o meu nome, cumpre-me, agradecendo tantas e tão inequivocas provas de consideração recebidas de todos os pontos do circulo, expôr aos eleitores o meu plano de representação na proxima Assembleia Nacional Constituinte da Republica Portugueza.

São conhecidos os meus principios, é de todos bem conhecida, n'esta região, a minha modesta mas honrosa obra propagandistica nos tres ultimos annos.

Dentro da monarchia, combatendo sem um desfallecimento pela Republica, fiz sempre alguma coisa mais do que negar e destruir.

Acarretei materiaes para os alicerces de uma grande, consciente e firme obra reconstructiva.

Fui como o obreiro d'um grande templo que por si não poderia nunca levantar toda a fabrica, mas que lá amontoou pedras sobre pedras, dando toda a força dos seus braços e todo o vigor da sua vida.

Grão de areia perdido n'uma vastidão, pertencer-me-ha sempre um naco de gloria da Republica, como sempre me coube tambem algum quinhão nas suas angustias e nos seus revezes.

Mas o que pela Republica fiz não foi louco, intempestivo, desorientado.

Nunca poupei o adversario, nunca persegui o inimigo.

Nunca movi paixões perversas, nunca fiz sementeira de rancores, de ruindades vis, de indignidades dissolventes.

Nunca fiz campanhas pessoaes, nunca acossei odios contra os inimigos mais damninhos.

Nunca escutei uma conversa suspeita, nunca li uma carta que me não pertencesse, nunca me servi de um segredo que me cahisse nas mãos, nunca esquadrinhei uma casa alheia, nunca devassei o santuario d'uma familia.

Ninguem jámais me viu embuçado, esconder o rosto, espreitar a uma esquina, anavalhar pelas costas, sahir traiçoeiramente a uma encruzilhada.

Nunca tambem me viram recuar covardemente nos perigos ou transigir vergonhosamente nas difficuldades, esquivar-me a responsabilidades, furtar-me a trabalhos.

Luctei pela Republica em todos os campos—escrevendo, fallando, conspirando. Tratei com todos os que de mim se approximaram, estive em toda a parte onde fui chamado.

O meu socego, as minhas illusões juvenis, os meus sonhos dos vinte annos, a minha vida inteira, tudo arremecei para o altar da patria, servindo o Povo e a Republica.

Mas sempre que derrubei um idolo, levantei em seu logar uma estatua da Verdade e nunca arranquei do coração do povo simples uma illusão, que não plantasse lá, com disvelado carinho, uma consolação nova ou uma nova esperança.

Foi esta a minha obra de combate, honrosa e limpa.

Nunca para mim só quiz algum proveito d'essa obra; d'ella recolhi apenas canceiras e desgostos, luctas e perigos, difficuldades e sacrificios; mas bemditas canceiras e bemditos sacrificios por uma causa bemdita que triumphou!

Para o Povo que procurei erguer, para a Republica que procurei servir, para a Patria a que me devotei, hei de procurar sempre colher os fructos d'essa semente que lancei á terra com o gesto aberto, honrado e franco do semeador.

* * *

Resumirei em breves palavras n'este manifesto o que tenho dito nos meus discursos de propaganda eleitoral, que por falta de tempo não posso levar a todos os centros de população do circulo.

Não vou para a Assembleia Constituinte com pedantescos e ôcos planos feitos de palavreado e recheados de rethorica.

Não vou para a Constituinte com a grotesca mania das exhibições retumbantes, das discursatas balofas, das attitudes historicas.

Não vou para lá com o espirito obcecado por preconceitos de qualquer ordem, nem enfeudado a criterios alheios, nem a sympathias ou antypathias personalistas.

Não vou disposto a favorecer ambições de ninguem, seja elle o meu maior amigo pessoal, seja um heroe da Republica ou um genio da democracia.

ALBERTO SOUTO

Irei ao Parlamento, se eleito fôr, animado apenas do firme proposito de servir a Patria, de firmar a Republica pela lei insofismavel e soberana e de defender a obra da Revolução para que ella se não perca, nem pereça.

Irei ao Parlamento, compenetrado apenas da grandiosidade da minha missão, da tremenda responsabilidade que perante a Historia e perante o mundo culto assume todo aquelle a quem o povo portuguez confiar n'este momento o seu futuro e os seus destinos.

Nem homens, nem facções; nem ambições, nem despeitos; nem sordidos interesses, nem propositos caprichosos, nem indecisões de covardia e fraqueza, nem loucuras ou precipitações levianas.

A inergica audacia d'um joven alliada com a prudencia sensata e calma dos 50 annos; a reflexão, o estudo, o senso; um opportunismo digno e coherente com os principios que professo; acima de todas as paixões humanas a sublimidade das ideias na sua consciencia e ajuizada aplicação pratica; acima de tudo o bem e os interesses communs da Republica, o bem e os interesses communs da Patria, onde vão entroncar os interesses partidarios de cada um dos cidadãos.

* * *

Constituição? uma lei nova, fundamentalmente portugueza, verdadeiramente republicana.

Como José Estevam desejava já na Constituinte de 37, eu desejaria agora uma camara só, de eleição popular.

Não me repugna, comtudo, aceitar a camara alta, um senado electivo, dada ainda a falta de educação democratica do paiz e o nosso intempestivo caracter.

Tive sempre gravada no meu cerebro aquella frase de Luiz Blanc, fazendo o seu programma em Marselha, em 1879: «nada de presidente que é um rei disfarçado sob um barrete frygio», não posso, comtudo, deixar de reconhecer que nos será, talvez, indispensavel um presidente com mais largas atribuições constitucionaes que um simples chefe de gabinete, dado o natural jogo de ambições e instabilidade governamental dos nossos primeiros dez annos.

Quero uma constituição republicana, com inilludiveis garantias de ordem e de progresso, de liberdade e de direito.

Com o principio da revisão decenal, conforme se exara no programma do partido republicano, eu desejo uma constituição que firme e assegure o regimen, uma lei fundamental que esteja superior a todas as contendas, que seja a propria figura da Republica debuxada a cinzel, n'um bloco formidavel de granito, d'aquelle granito das nossas montanhas que ri das tempestades e affronta os estremeções da terra.

* * *

Politica parlamentar?

A todos garantida a plena liberdade de consciencia, de opinião e de crença, apenas com as restrições estrictamente necessarias á ordem publica, á paz externa e á segurança da Republica, ainda joven e melindrosa como os organismos tenros.

Nas manifestações de liberdade de consciencia, opinião, crença, imprensa e reunião, a mais franca liberdade, seguida da mais tremenda responsabilidade.

Não perseguir ninguem, mas a ninguem perdoar. Debellar promptamente, com implacavel justiça e energia, com audacia se preciso fôr, todo o plano conspirateiro que surja, a menor rebellião que se levante.

O paiz carece de ordem, a nação precisa, para resolver os gravissimos problemas que lhe difficultam a vida, para remediar todos os erros e crimes que a monarchia lhe legou, para se impôr ao respeito estranho, para progredir, para enriquecer, para avançar e viver, de ordem, da ordem mais completa, de mais completo socego, da mais inteira confiança em si propria.

Terá o Parlamento de rever a legislação da dictadura revolucionaria.

Muito ha que remodelar e aperfeiçoar por entre essa obra que tem assombrado o mundo.

Sobre a lei de separação do Estado das Egrejas, expuz já na imprensa a minha opinião.

Cumpre a todos acatal-a.

E' uma lei para o momento, mas que deve ser promptamente remodelada logo que o paiz se mostre sereno e confiado.

Por mim desejo uma lei mais liberal, uma verdadeira lei de separação, em que se dê á egreja toda a liberdade e o goso dos objectos do culto dentro da maxima responsabilidade e do pleno direito de fiscalisação do Estado.

* * *

De resto, será escusado affirmar que é preciso não só não desperdiçar os reditos publicos mas tambem aplical-os com elevado criterio.

Para instrucção, defeza militar e fomento, tudo quanto seja permittido pelos recursos nacionaes.

Introduzir na nossa legislação germens de progresso que se desenvolvam rapidamente.

Desenvolver a economia nacional, augmentar toda a incomparavel riqueza natural do nosso paiz, com a riqueza artificial do progresso e dos tempos modernos.

* * *

Temos de considerar o aspecto social da questão portugueza e da nossa Republica.

Estarei sempre prompto a auxiliar tudo o que tender a levantar as classes trabalhadoras, á dignificação proletaria, á assistencia social, concretisada em leis de protecção aos menores, ás mulheres e aos invalidos, accidentes e regulamentação de trabalho, etc., etc.

N'este campo como em nenhum outro a Republica póde tomar compromissos de realisação prompta.

O que é preciso é o desejo sincero de realisar o generoso pensamento da revolução de 5 de outubro em harmonia com as condições materiaes e moraes da sociedade portugueza.

* * *

Não é um programma o que ahi fica, é apenas o traçado vago de uma orientação.

Não levarei outro programma para a Constituinte que não seja este — Ordem e Progresso, Trabalho e Liberdade, Seriedade e Consciencia.

São essas as divisas da Republica Portugueza, são essas as divisas da nossa Patria.

Se o suffragio me mandar ao primeiro Parlamento da Republica, irei lá fazer isto apenas—cumprir o dever.

Nasci do povo; amo-o muito para que vez alguma possa abandonal-o.

Trabalhei pela Republica e pela Patria, amo-as muito para que vez alguma as possa trahir, mas se alguma vez eu trahir o povo, a Republica e a Patria, que o povo, a Patria e a Republica vão emparedar-me no templo, como um dia a Grecia fez a um dos seus mais inclitos herois!

E se agora, e se alguma vez for preciso o meu sacrificio pelo bem da Patria, povo, meu povo! Patria, minha Patria! Republica, minha Republica! passa por cima de mim n'um gesto justiceiro, sem uma clemencia, sem uma piedade, porque eu saberei clamar sempre, de animo forte e cabeça erguida:

Viva a Patria!
Viva a Republica!

Alberto Souto.

Aos leitores do "Democrata„ e aos que me não conhecem

No jornal *O Democrata*, de 5 do p. p., vem o *honrado e moralão* mestre Abilio, medico municipal na Costa de Vallade, dezembestar contra a minha humilde pessoa sem se lembrar que esses arrotos calumniosos mais proprios de um arrieiro e d'um rufia só a elle alvejam como provarei. Mestre Abilio desde que encetou a vil e difamatoria campanha contra mim e padre Antonio Vieira, servindo-se para isso de *dois* testas de ferro—não tem feito senão mentir cinicamente—pois tudo, tudo, que contra nós tem dito tem sido calumniosas mentiras. Chega a ser phantastico que haja arrojo para se mentir tão cinicamente. Mas porque é que mestre Abilio me vem d'ha muito anavalhando cobardemente? Eu explico:

Devem estar lembrados os leitores da *Liberdade* do que eu disse em varios numeros d'aquelle jornal principalmente no do dia 1 d'abril com relação a mestre Abilio e ao seu inseparavel socio, professor e pharmaceutico, Manuel dos Santos Costa. Depois vieram, servindo-se ainda dos testas de ferro intimar-me a que declarasse nomes e dissesse a quem se referiam as *amaveis* palavras que eu citava na *Liberdade* de 1 d'abril, senão ficaria tido por um réles calumniador.

Na *Liberdade* do 27 d'abril fiz uma declaração em que dizia que *todas as referencias feitas n'aquelle jornal vizavam apenas mestre Abilio e o seu socio.* Qual era a resposta a esta minha declaração? De duas uma—ou mestre Abilio e o socio me chamavam aos tribunaes e eu não provava o que disse e ficaria portanto tido como um *réles calumniador* e no fim me partiam a cara se para isso tivessem corajem—o que duvido—ou eu provava o que disse e *elles* ficariam como hão-de ficar atascados na lama! Mas nada d'aquillo fizeram. Vieram insultar-me, difamar-me, troçar-me até, passando por cima de tudo como o cão por vinha vindimada, sem fazer uma unica referencia aos lindos termos que a seu respeito empregava! O que fizeram? Vieram referir coisas que nunca se passaram como provarei—porque tudo quanto digo o provo—e não tendo mais que dizer de mim, vieram tocar-me na minha vida particular! Pois hão-de pagar caro o atrevimento, e desafio-os a que digam em publico tudo quanto souberem a meu respeito—quer da minha vida publica quer da minha vida particular, com tanto que o provem. Felizmente posso até hoje passar por toda a parte de cara levantada sem receio que digam—vai alli um ladrão ou o filho de um ladrão! Entretanto muitos não podem fallar assim! Hoje fallo assim; ámanhã não sei o que serei! Não tenho na minha vida um unico acto que não seja proprio e digno d'um homem de bem. Mas vamos ao que importa:

Mestre Abilio que tenta ainda abocanhar a memoria de Castro Mattoso, vem dizer que elle se comprometteu com mestre Abilio para o logar de medico municipal. E' inteiramente falso. Quando mestre Abilio lhe pediu isso, obteve por resposta o seguinte: «*Não posso* comprometter-me com o dr. Abilio porque já estou comprometido com o dr. Armando. Eu nunca influi—quer directa quer indirectamente em taes nomeações—pois ao tempo era amigo dos dois concorrentes—como o sou e serei sempre do meu particular amigo dr. Armando. Nunca tive isso por habito, porque tenho sido sempre sincero e leal em todas as minhas coisas e nem Castro Mattoso se deixava influenciar por *ninguem*. Mas mestre Abilio que não quer perder o momento azado para morder na memoria d'aquelle a quem devia tantos favores e que não tem pêjo de vir atacar quem se não póde defender—mente e inventa coisas para ver se se salva... Diz mestre Abilio que de então para cá cortou comigo as relações. Ora eu digo a mestre Abilio que mente como um rafeiro. Então mestre Abilio não sabe que depois de ter sido nomeado medico municipal o *sustentei e á sua cavalgadura* durante uns dois annos ou mais? Não se lembra que comeu quasi diariamente em minha casa durante esse tempo depois dos factos a que se refere?

Não sabe que depois de eu ter com mestre Abilio arrefecido as relações me pediu varios favores e um d'elles foi para eu ir com mestre Abilio e uma pessoa de sua familia a Lisboa fallar a Castro Mattoso para valer a um seu irmão? Já se não recorda coitadito!... Não sabe que fui eu que cortei—assim como padre Antonio—as relações com mestre Abilio. Não sabe que tempo depois de mestre Abilio ser medico municipal e por mestre Abilio ter *escamoteado* violentamente ao Carrancho (o Capador), 50$000 réis é que eu cortei com mestre Abilio as relações de *vez?* Não sabe que por causa da tal escamoteação violenta—eu lhe quiz partir a cara na loja do Snr. Ernesto Maia—o que elle evitou e que mestre Abilio me pediu quasi pelo amor de Deus que lhe não batesse porque estava doente? E não sabe que antes d'isso tambem já havia applicado uma sova no seu socio?

E são estes figurões que armam em *valientes*!... Citarei mais um caso que se deu na minha presença e de varias pessoas na estrada da estação.

Ha annos estava eu com um cavalheiro que reside na Costa do Vallade, quando mestre Abilio chega e se dirige nos seguintes termos ao dito cavalheiro:

Eu preciso que v. ex.ª me dê umas explicações,—ao que o cavalheiro respondeu—não tenho satisfações a dar-lhe, porque o snr. *é um pulha, um canalha e um bandalho e indigno de entrar em casas serias;*—e se lhe não partiu a cara foi porque tudo isso evitei. Pois sabe o que o *valiente* do mestre Abilio fez, limitou-se a gaguejos e lá se foi com o rabo entre as pernas e lambendo as unhas por ir com a cara direita.

Agora pergunto: poderá haver maior affronta dirigida a qualquer

cidadão, mas principalmente a um medico? Não póde haver!... Narrei este facto para classificar o valor corajosamente cobarde de mestre Abilio, e passo a narrar factos para classificar o seu valor moral. Mestre Abilio, não podendo dizer que eu lhe devia favores, vem dizer que a meu pedido tratara *d'uma creança* que dizem é minha filha. São falsas as duas affirmativas. Nem a creança a que julgo mestre Abilio se refere é minha filha nem *tal coisa* pedi a mestre Abilio. Mas supponhamos por um momento que tudo isso era verdade. Não tinha mestre Abilio de tratar de graça a tal creança em virtude de ser pobre? E' que mestre Abilio está habituado a que *alguns pobres* lhe paguem, obrigando-os até a isso. Vem allegar serviços prestados a minha fallecida mãe. Pois eu sei e sabe-o ahi muita gente que minha mãe lhe pagou generosamente os serviços que lhe prestou e que ultimamente adoecendo, mestre Abilio foi vel a umas 5 vezes, recebendo em troca d'essas visitas colheres de prata no valor de 7$000 reis. Mas acha pouco! Vem dizer que a João Ferreira dos Santos, David Mattos, Francisco Graça, revd.º Alvaro Henriques e minha cunhada tem prestado muitos serviços todos de graça! Mas mestre Abilio não tem vergonha de mentir? A João Ferreira dos Santos fez duas visitas, uma ao pae, outra á mãe. Por uma mandou-lhe 6 galiinhas e por outra 6 frangos. Valor da visita 500 reis, se não estou em erro. A David Mattos—pobre, não tendo nada de seu—pela avença, e pelos taes serviços extraordinarios mandou-lhe um barril com 4 almudes de vinho. E a minha cunhada isso não se falla, têm sido carros de lenha e innumeros presentes. Francisco Graça julgo que tambem lhe não ficou a dever nada.

Emquanto a meu cunhado só apenas esteve na Costa uma unica vez com o filho.

Mas mestre Abilio que vem fallar em serviços que prestou de graça não cita aquelles de que se paga indevidamente.

Não falla em levar a José Adriano uns 20$000 réis ou mais sendo um trabalhador de enxada e não tendo de seu uma telha; não cita Luiz da Pedra a quem levou uns 30$000 réis que pouco tem, que é pobre; não cita o Motta, de S. Bento, a quem levou 40$000 réis e que teria uns 120$000 réis de seu; não cita um tal Cerejo da Povoa a quem levou uns 36$000 réis e que é egualmente pobre e muitos outros por ahi além. Diz que trabalha barato—mas tenho ouvido dizer que a um tal Barreiros levou uns 900$000 réis!

Mestre Abilio se queria fallar assim devia fazer como eu—não aceitar presentes de ninguem.

Sei que mestre Abilio, dá sorte com estas verdades que digo e que provo quando quizer como tudo o mais que disser. Dizia eu na *Liberdade* de 1 de abril que mestre Abilio e o seu socio se serviam de meios *illicitos* para arranjar presentes—que tiveram para ahi uma agencia de livrar recrutas—que tentaram escamotear ao ferreiro da Gafanha por meio de uma escriptura—pela qual elle Ferreiro se *comprometia a pagar toda a conta que lhe fôsse apresentada pelo medico e pharmaceutico*—o que o fallecido Felix evitou—que mestre Abilio negava publicamente a sua assignatura, que falsificavam cartas, que inventavam telegrammas, que provocavam escandalos, que abusavam da hospitalidade e confiança que lhe davam em algumas casas, que dizia todo o mal de alguns collegas—principalmente d'um que o coçou com um cavallo marinho.

Pois tudo isto dizia d'aquelles *honrados moralões* e mais consta que mestre Abilio fez um contracto com um pharmaceutico ahi para os lados de Vagos que bem classifica o seu caracter moral. Mestre Abilio quer notar defeitos aos outros que só elle tem.

Mestre Abilio é como os patos—aonde entra suja. Diz mestre Abilio que ganha pouco e que vive modestamente. Pois não ha muito que um seu collega me disse que mestre Abilio lhe havia contado que tirava mais de réis 3:000$000 annuaes—e consta que mestre Abilio está rico. Devia fazer-lhe a mesma pergunta que me fez—mas para quê? Eu hypothequei em tempo por dois contos que perdi, propriedades no valor de uns 12 ou mais. Vendi uma marinha por 3 contos ao snr. Innocencio e paguei. Mas ainda devo muito dinheiro mestre Abilio—olhe que se vendo propriedades só vendo aquillo que herdei do meu Pae que muito honradamente o ganhou. Mestre Abilio tanto sabe que mente conscientemente que em tempos que lá vão me pediu algumas vezes para eu lhe guardar as suas magras economias; agora chama-me *ladrão*.

Pois mestre Abilio, eu poderia vir chamar-lhe e ao seu socio os *lindos* nomes que me chamaram, mas para quê se toda a gente sabe quem os *cavalheiros* são.

Mas mestre Abilio e *os amigos*, que desde que escrevi os apontamentos para a historia do partido republicano d'Aveiro me vem insultando, só quiz com tudo isto provar que sempre foi republicano. Pois se elle até quiz fazer ver ao respeitavel publico que tinha pertencido ao primeiro centro que ahi houve e que acabou em 87!... Que grande pandego!

Em quanto á conversa que diz ter tido com o snr. dr. Jayme, provarei que é mais uma calumnia.

Mestre Abilio, que só falla em moralidade, não se lembra que ainda ha pouco tempo extorquiu aos orphãos de Francisco Cardoso uma boa porção de terra. Eu podia fazer-lhe passar um mau bocado por causa d'isso, mas não quero. Não sou tão vingativo como diz.

Mestre Abilio que em todas as eleições trabalhou pelos monarchicos e que na do bloco praticou as maiores violencias não se lembra que pediu votos a muita gente e que na Povoa não pediu a ninguem para votar na republica.

Mas se era verdade o que diz então era um verdadeiro traidor. Atraiçoava a republica e a monarchia ao mesmo tempo.

Mestre Abilio diz que não gosta de padres. Mente Quando veio para a Costa era rara a semana em que não dormia na mesma cama com um reverendo d'uma frezia proxima.

Era para guardar o *mêdo* a mestre Abilio.

Mestre Abilio vem allegar os serviços que prestou á Costa mas esqueceu-se de mencionar o *bello prezente* que offereceu á commissão que se lhe dirijiu a pedir-lhe qualquer quantia para as obras da capella. Consta até que o tem n'uma redoma. Mestre Abilio *embicou* com todos os que assignaram o «protestamos», pois todos *elles* não teem illustração.

Custou-lhe a roer, coitadito!...

Emquanto a esses *cavalheiros* que aprezenta como testemunhas de terem visto a *tal* carta que escrevi ao snr. Ernesto Maia, digo-lhe que mentem infamemente, cinicamente, pois nem sequer uma *unica* palavra do que dizem, a carta que escrevi ao snr. Ernesto continha Do resto nada sei. Mas mestre Abilio só arranja d'aquellas testemunhas!... um socio nas proezas, outro dependente.

Mestre Abilio, que enche a bocca em *moralidade* não vê que é uma refinadissima *immoralidade* consentir que o tal seu socio tenha para ahi uma baiuca com o rotulo de pharmacia, administrada por creanças e pessoas sem consciencia do que fazem, pois ainda não ha muito que para uma mulhersinha das Quintãs aviou um dos filhos do socio *agua forte* em vez d'outra droga!

E como este muitos outros casos se tem dado. Mas mestre Abilio manda fechar a baiúca e terá mostrado assim que tem um gramma de moralidade. Vá mestre Abilio, chame-me aos tribunaes, pois lá quero provar quem é ladrão e não tem moralidade. Olhe que emquanto o não fizer fica de pé tudo quanto a seu respeito e do seu socio disse.

Manuel Dias.

Oliveirinha, 10—V—911.

Meu presadissimo amigo.

Tendo o dr. Abilio Gonçalves Marques, medico municipal na «Costa de Vallade» publicado no jornal o *Democrata*, de 5 do p. p., umas mentirozas e infames calumnias a meu respeito—referindo-se a uma conversa que em tempo tive com o meu prezado amigo, venho rogar-lhe a fineza de me dizer se alguma vez lhe pedi para que *transferisse, demittisse ou perseguisse* aquelle *illustre cavalheiro*—ou se mesmo lhe fallei em arranjar quaesquer assignaturas. Pedindo-lhe desculpa da impertinencia, me subscrevo

Amigo certo e muito obrigado,
Manoel Dias.

***

Meu caro amigo

Não costumo lêr o jornal a que se refere, razão porque desconheço aquillo a que se quer referir na sua carta de 10.

Veja, pois, se me manda o exemplar para eu vêr o que ha.

Amigo certo,
20—5.º—911. *Jayme Silva.*

***

Meu caro amigo.

Com grande espanto, tomo conhecimento do que diz o dr. Abilio Marques, no jornal que me enviou.

Para eu destruir a affirmação de aquelle medico, basta dizer-lhe que nunca, como Presidente da Camara, pensei em demittil-o, nunca procurei annullar o seu despacho, nunca me intrometti no seu serviço, nunca lhe fiz a menor pressão e, simplesmente, como me competia, obriguei todos os facultativos a não sahirem das suas areas, não lhes concedendo qualquer licença, senão quando se fizessem substituir, dando aos povos eguaes commodidades.

Vê, pois, que esta primeira affirmação do dr. Abilio, não é verdadeira, e obedece, por certo, ás más informações recebidas por aquelle illustre clinico.

E, meu caro, era tão grande a minha má vontade contra o dr. Abilio que, tendo recebido n'uma manhã um pedido do Conde de Agueda para que eu consentisse na mudança de residencia do facultativo, da Povoa ou Mamodeiro para a Costa de Vallade, eu n'esse mesmo dia, em que havia sessão, levei a Camara a resolver a transferencia satisfazendo assim a vontade e desejo do dr. Abilio, deferindo a sollicitação do Conde d'Agueda.

Mas o dr. Abilio aqui podia obrar por falsas e tendenciosas informações. Onde eu não vejo explicação é no que mais diz no jornal quando pretende referir umas declarações minhas a seu respeito.

Ha mezes fallei com o dr. Abilio. Fallámos effectivamente de si, mas nego em absoluto as palavras que aquelle clinico me attribue. Como podia eu affirmar que procedi contra elle a instancias suas, se eu nunca procedi contra elle?

Que o persegui a seu pedido se eu nunca lhe fiz a menor perseguição?

O dr. Abilio ouviu mal. Os seus ouvidos trahiram-n'o d'esta vez. E foi, de facto, pouco cauteloso...

Eu não sei hoje o aproposito da nossa conversa a seu respeito. Mas o que lhe posso garantir é que não affirmei semelhante cousa, só lhe declarando que se a transferencia se tinha concedido havia sido porque ninguem se havia opposto. Que de resto, eu estava informado de que se a minha deliberação demorasse mais alguns dias, um protesto dos povos se opporia a ella.

E affirmei que havia sido você que me informára da existencia d'esse protesto, sem todavia lhe attribuir qualquer auctoria n'elle.

Por fim fallámos da vossa conhecida inemisade, mas comprehende que eu não lhe podia ser desagradavel e o seu exame ás affirmações do jornal bastaria para não suppôr, por um momento, ser eu o auctor das palavras que o dr. Abilio, sem duvida por má condição, me attribue.

Então eu ia, alguma vez, verdade que fosse, affirmar que fiz perseguições, e demais a pedido?

Foi pouco cautelloso o dr. Abilio... e mais nada.

Você tem-me apontado muitos factos singulares do dr. Abilio, você não se esconde de o dizer a qualquer, mas nada d'isso foi objecto da minha conversa com elle, que, como disse, se limitou áquella explicação.

Faça d'esta o uso que entender.

Amigo certo,
Jayme Silva.

Collegio Aveirense

Acham-se abertas as aulas de arithmetica e escripturação commercial, assim como as das linguas portugueza, franceza, ingleza e allemã, como habilitação para o commercio.

A Liberdade

JORNAL REPUBLICANO D'AVEIRO

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.

Assignaturas

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Brazil (anno) moeda forte	2$500 »
Avulso	20 »

Annuncios

Por linha	40 réis
Repetições	30 »
Communicados	20 »

Permanentes — contracto especial.

GRIFFITHS

Esta bolacha constitue o pão ideal dos diabeticos, tuberculosos e convalescentes

DEPOSITARIO

DOMINGOS GUIMARÃES

RUA LARGA—AVEIRO

COLLEGIO MODERNO

PRAÇA MARQUEZ DE POMBAL

AVEIRO

A direcção d'este collegio, montado nas melhores e mais modernas condições pedagogicas, de hygiene e de conforto, para o que possue pessoal habilitado e casa no ponto mais salubre da cidade, recebe todas as meninas que procurem casa de educação e ensino, garantindo-lhes a melhor installação e as melhores condições de aproveitamento.

"ULTRAMARINA,,

COMPANHIA DE SEGUROS

CAPITAL 500:000$000 réis

Seguros maritimos e terrestres.
Seguros postaes.

Agente em Aveiro

A. H. Maximo Junior.

Rua Direita—AVEIRO

FLORISTA

AMELIA AUGUSTA MODESTA, com atelier de florista na Rua Manuel Firmino, concerta e aluga flores e encarrega-se de qualquer encommenda concernente á sua arte.

AOS MESTRES D'OBRAS

Lixas de todas as qualidades, rivalisando com as estrangeiras em preço e duração.

Fabrico pelos processos mais aperfeiçoados.
Unica fabrica no paiz.

BRITO & C.ª

Sôza—Aveiro.

MERCEARIA E CONFEITARIA

Especialidade em vinhos do Porto e Madeira, cognacs e outras bebidas.

Variado sortido de fructas seccas, queijos e chocolates.

Bolachas nacionaes e estrangeiras.
Chá e café de qualidade superior.

DOMINGOS PEREIRA GUIMARÃES

Rua José Estevam—AVEIRO

ALBERTO JOÃO ROSA

RUA DIREITA

AVEIRO

GRANDE ARMAZEM DE DROGAS E FERRAGENS

Tintas e oleos de primeira qualidade.

Vidraça, cobre, chumbo e arame.

Adubos chimicos e organicos.

Sulphato e enxofre.

ESTAÇÃO DE VERÃO

A ELEGANTE

Fazendas e modas
Camisaria e gravataria

DE

POMPEU DA COSTA PEREIRA

Rua de José Estevam, 52 e 54
Rua de Mendes Leite, 1, 3 e 5

AVEIRO

O proprietario d'este estabelecimento participa ás suas Ex.mas clientes e ao publico em geral, que acaba de receber um enorme e variado sortimento de fazendas e outros artigos proprios da presente estação.

Preços modicos

BICYCLETAS, RELOJOARIA

=E=

ACCESSORIOS

Borracha em folha e tubos. Oleos e gazolina.
Officina de concertos e pintura.

Agente da melhor bicycleta ingleza a

"HOBART,,

diversos modelos a 40$000. 55$000 e 75$000 réis.

Bicycletas de diversas marcas a 30$000 e 35$000 réis.

Alugueis de bicycletas novas.
Concertos em relogios.

Preços baratissimos

POMPILIO RATOLLA

AVEIRO

SETE GRANDS PRIX

As machinas de costura da Companhia SINGER obtiveram na exposição de S. Luiz de 1904 *sete grands prix* e *sete medalhas d'ouro* concedidas pelo jury internacional, pelas 202 variedades de machinas alli expostas, distinguindo-se a

Domestica Bobine Central

pelos trabalhos artisticos. Rendas tapeçarias e adornos feitos na mesma machina que serve para toda a classe de

TRABALHOS DOMESTICOS

MACHINAS SINGER PARA COSER

TODOS OS MODELOS A 500 RÉIS SEMANAES

Peça-se catalogo illustrado que se dá gratis

SETE MEDALHAS D'OURO

Companhia Fabril Singer

Concessionarios em Portugal ADCOCK & C.ª

SUCCURSAL EM AVEIRO
AVENIDA BENTO DE MOURA

AGENTES EM TODO O DISTRICTO